

LUZ MATINAL

PERIODICO LITTERARIO, CHISTOSO E NOTICIOSO

Orgão da Sociedade União ás Lettras



2.445
52

ANNO I

Aracaju, 1.^a de Junho de 1882.

NÚMERO 1

Luz Matinal.

Aracaju, 1.^a de Junho de 1882.

Na patria gloriosa de Alvares de Azevedo, de Junqueira Freire, de Castro Alves e de muitos outros vultos immortaes na historia litteraria do nosso paiz, e finalmente no mundo, a creanca que desperta no berço da instrucção concebe em sua alma, ainda tenra, uma deourada esperanca, que lhe fortalece o corpo e enobrece o espirito. E' a gloria que entre as cortinas do Oriente, envolta em raios de luz, sorri à terra, como sempre, voluptuosa e bella.

Vai depois o astro do dia caminhando para o occidente, e a natureza, como que sorri nesta hora, na hora do crepusculo; e ao fresco arfar da brisa, ao sopro rijo do tufo empolado que ruge na floresta, o infante, fitando o infinito azulado, acha bello o painel de esthetica que desenha-se ante seus olhos.

Despontain depois as estrellas. A terra continua em sua rotação silenciosa, como o pensamento, e a alma teura da creanca, ao ver o céo esmaltado de gottas de luz, cae em um abatimento que transporta a sua alma ás regiões do ideal.

São estas as scenas de encanto que offerece o Brazil, com seu céo azulino puro, com suas mattas seculares. E' então que a creanca, que desperta em pleno seculo das juzes, no comparar a gloria da antiguidade, o apogeo da sociedade

antiga—a guerra—, com a gloria da posteridade, divinamente irradiada, esculta para a batalha do pensamento uma arma poderosa —o livro—e com ella procura rasgar as cortinas da obscuridade, que a separa do futuro.

Ao contemplar a historia de todas as eras, no silencio do seu gabinete, cujas paginas são quasi todas tintas com o sangue do genero humano, entrevê um facto estupendo legado à posteridade em pleno seculo decimo quinto.

E' a imprensa, a filha de Guttemberg.

Então pega na penna, e o que escreve, abrazado no fogo da mocidade, larga á imprensa sem importar-se com a risada da populacão, que exprime a convicção do impossivel, dizendo: Guttemberg e Colombo foram tambem uns leucos.

E assim que pensamos; e por isso é que a *Sociedade Unida ás Lettras* dá á populacão do Sergipe o primeiro numero da *Luz Matinal*, esperando o acolhimento que todo's ergipano presta aos seus patricios, sem ser este acolhimento a recompensa do que merecemos no presente.

Eis ahí o nosso jornalzinho, escrito por jovens na idade de 15 annos; não podem ser comparados os seus artigos com os de Shakspeare, de Victor Hugo, de Palmeira, etc.

Ahi só vereis, em cada periodo, o desejo ardente de possuirmos as luces do celebre seculo XIX.

A critica sincera e justa, cur-

varemo-nos submissos, tomando as suas emendas como sabias lições.

Noticiario

Vapor do sul.—Entrou no dia 28 do passado procedente da Bahia, o vapor nacional *S. Saledor*.

Eleição.—Procedeu-se no dia 24 do passado as eleições para cargos na sociedade— União ás Lettras, cujo resultado foi o seguinte:

Presidente.—Horacio Martins de Almeida.

Vice-presidente.—Luiz de Figueiredo Martins.

1.^a Secretario.—Pedro Polyneto Ribeiro.

2.^a Secretario.—Julio Constancio da Silva.

1.^a Orador.—Flaviano Fontes.

2.^a Dito.—Turibio Fontes.

Thesoureiro.—Agrippino Vieira de Campos.

Juramento.—Teve lugar no dia 22. do passado, na Escola-Normal o juramento dos srs. Olynto Rodrigues Dantas e Gustavo Hasselmann, nomeados pelo dr. José Joaquim Ribeiro de Campos, para regerem as cadeiras de latim e alemão.

Naufrágio—Sabe se por telegramma da ilha Madeira que se afundou ás 8 horas do dia 8 do passado, sete milhas ao norte da

ilha de Porto-Santo, o vapor *Penedo*, da companhia bahiana.

Pereceram o piloto, o 1º machinista e dous foguistas.

Tunnel. — Está concluída a perfuração do grande tunnel de S. Gotthardo.

O trajecto de experiência que se faz deu bons resultados.

O tunnel tem 15 kilometros.

Jubilação. — Acaba a instrução secundária de Sergipe de sofrer uma lamentável perda. No dia 13 do corrente o sr. professor Antonio Diniz Barreto, a par dos seus serviços revelantes que tem prestado a instrução, recebeu do sr. dr. Ribeiro de Campos, a sua justa jubilação.

Deixou na Escola-Normal vaga a cadeira de Latim que durante 36 annos preencheu com inteligência superior e proficiencia na matéria, ensinando à mocidade sergipana as belas da língua de Cícero e Virgílio.

E' justo que o professor Diniz depois de tantos annos de magisterio, descanse no seio de sua família.

Os seus discípulos fazem votos de alma ao Creador para que s. s. goze de tão grata remuneração.

Falecimento. — Acaba de ser teatro de uma cena tristonha a cidade de S. Salvador.

Baixou ao tumulo o inteligente batalhador literário, sr. Belarmino Barreto.

A imprensa, esta alavancada poderosa da liberdade, a filha querida de Guttemberg, acaba de sofrer uma perda incomparável.

A sepultura, este lugar pavioso, serve presente e eternamente de morada para o corpo do sr. Belarmino Barreto.

A Bahia chora um filho illustre que perdeu; a imprensa, soluça

nas questões litterárias, está perdida, das quais era batalhador dedicado; e a sua família prosta-se reverente ante o seu tumulo.

Sua exma. familia, a Bahia e a imprensa, recebam os nossos pesames.

SEÇÃO AVULSA

Idéas soltas.

A sociedade depende das mulheres; todos os povos que têm a desgraça de encerrá-las são insociáveis.

Voltaire.

A religião é a cadeia de ouro que liga os homens e a terra ao trono do Eterno.

**

A felicidade assemelha-se a rosa do pudor que marcha apenas se toca.

**

O amor é a mais forte de todas as paixões, por isso que ataca ao mesmo tempo o coração, a cabeça e o corpo.

Voltaire.

O amor é como o medo, faz crer em tudo.

**

O valente conhece-se nos combates, o sabio na contradicção, e o amigo na adversidade.

**

Une imagination puissante, une sensibilité vive sont les deux âmes de la grande poésie.

Villemain.

O povo é o infinito da terra; Deus é o infinito dos céos.

Lopes Trovão.

A nossa vida é um sonho; o a-cordar é morrer.

Amorim.

**

A liberdade é o ar respirável da alma humana.

Victor Hugo

**

Não ha causa mais depreciada e invejada do que a gloria litteraria.

**

O impossível é uma chimera perante a razão e o braço do homem.

**

O berço e o tumulo são os dous mais espaçados aphelios da existencia; o berço é o rubro horizonte do arrebol da vida; o tumulo o sol posto das esperanças no eterno dormir.

COLUMNAS DO RISO

Um pintor pediu a um amigo que lhe desse assumpto para um quadro que queria expor. « A surpresa de Holophernes quando arcordou e viu-se sem cabeça», responde o amigo com toda naturalidade.

+

No tribunal um marido accusa a esposa de adulterio.

Que idade tem? pergunta o juiz ao marido: quarenta e sete annos.

E' falso, grita a accusada, tem 62 feitos... mente para diminuir as circumstancias attenuantes a meu favor.

+

Dous padres convencionaram falar sempre em latim, um ao outro.

No meio de uma conversa expirra um delles.

O outro torna-se muito pensativo.

No que está pensando v. rvm.? pergunta o que expirrou.

HOMEM, esqueci-me agora como se diz—*dominus tecum* em latim.

+

O senhor entra sempre tarde, dia em dia em tom de reprehensão certo chefe de repartição à um subalterno.

E' verdade, excellentíssimo; mais em compensação sou o primeiro a sahir.

+

No bond.

Se não lhe causa desarranjo, obsequia-me muito não lendo tão alto.

Deixarei então de ler.

Não, senhor, leia, mais baxinho, só para si.

De que me serve? Se eu lér baxo não ouço.

+

Perguntarão uma occasião á Callino:

Que animal era o mais similarente ao homem?

Depois de uma breve reflexão, ele respondeu: E' o Inglez.

LITERATURA

Um resto ao luar

Eu vagava a noite meditativo pelo meio do povo que turbilhava. Era bem tarde. A lua já pendia para o lado do occidente derramando fluvos toque de luz. As dispersas estrellinhas, qual bandos d'aguias doudojantes pelo espaço mostravão as grandezas de Deus; o poder magico de seu braço que estendendo-se atravez dos espaços ethereos veio trazer na mão um facho de luz com que despertou o nada.

O mundo era um barathro, um abyssmo sem fundo! porém Deus disse: Faça-se a luz, e desdobram-se ovantes milhões de fachos rutilantes, como nos confessa a historia.

E' esta a noite do poeta em que fitando a lua na concha celeste, como q' a sua alma vôa fendendo

os ares, passa os Andes, e eleva-se a sua solitaria companheira que parece resvalar topetando na abobada anilea do infinito.

Eu amo a noite porque é silenciosa, como o pensamento, adoro a lua que namora o lago da solidão, porque é tristonha. Serão amores poeticos?

Não, são lembranças da infancia desse arrebol da existencia que brilhou um momento na immeusidade, dissipando-se depois com o meteoro do pensamento! Eu seguia, pois, a terra em sua rotação silenciosa, como o fresco anel da brisa, a margem de um regato que suspirava.

Em fitando a lua no firmamento tão bella e radiante, eu sentia um apaixonamento, pelo bello! O homem que medita é o homem que sente. E eu sentia tudo em minha alma, lembrava-me do passado, sonho de delirio; fitava o presente tristonho como a moribunda lampada do santuario da meditação, prophetisava o futuro, talvez tristonho como o presente. Foi nesta hora de langor que eu apercebi um vulto ao longe que, como eu fitava a lua—retrato da tristeza.

Era um vulto de mulher bella como Beatriz decantada por Dante; tinha um sorriso nos labios um olhar de matar. Meu coração pulsava aceleradamente e minh'alma soltava uns vagidos de criancas. Fraco e forte ao mesmo tempo o amor havia transformado o meu ser e eu sentia-me forte.

No horizonte do futuro broxulei-ou uma luz; a mão que a accendeu foi a mão do amor. Depois, quando Venus derramava lagrimas de fogo sobre a terra eu ainda via a miragem da mulher divinal, do anjo do ideal dos meus sonhos.

Havia desapparecido e sua imagem ficava commigo.

5 de Abril de 82.

J. P. S. LEITE.

Sonhando.

Que mimo, que rosa, que filha de Deus!
A. de Azevedo.

(INSPIRADA SOBRE UMA PAGINA DO MESMO COM O MESMO TITULO.)

Existe ainda uma estrella no céo. E Venus que chora na amplitudão derramando á terra lagrimas de fogo.

El-a só no espaço; as outras ja se foram. Vae despontando a aurora.

Em breve o astro radiante sa-codirá a sua loira coma, a sua cabeleira ardente; e a natureza toda como que desperta. Sorri a aurora no lado do Oriente, como sempre, voluptuosa e bella.

A natureza a esta hora como que recebe um beijo luminoso de Deus. A brisa macia, que resvala mansamente entre os galhos dos jasmimeiros em flor, balbacia um nome grandioso, uma palavra que resume um infinito de grandeza, ou a concentração do universo:—Deus!

O mar sacode o dorso arquejante, qual leão embravecido, arranja-se pela praia, beija a areia, e ao quebrar-se da vaga soluça:—Providencia!

O doirado céo contempla os viventes e nessa hora de innocencia, de amor, de vida, derrama sobre suas cabeças bençãos, sorrisos e flores!

Não é uma exagerada hyperbole. Quem é que ao ver tão bella a natureza, tão fresca a brisa, tão corado o horizonte, não sente um arroubo, um extase, e neste delirio não exclama como a vaga, não soluça, como o mar:—Deus!?

Esta hora é a poesia da natureza, assim como o progresso é a poesia da humanidade.

Inocente como a creança é neste momento o hymno stridulo do tufo!

Como tudo está bello!

A vida não é a vida, porque ella é um martyrio; a vida neste ins-

tante é um sonho. E' um delírio: tudo delírio!

Esta praia tão lisa e tão alva, tem a mesma inspiração, talvez, que o mar, ao ver a placidez celestial do infinito!

Esta nevoa que cai formando dispersos monticulos, é o símbolo da inocência, tão alva e tão pura!

Parece que a natureza dormia, e acorda-se agora, jogando para longe de si o seu lençol — a nevoa!

Expreiamos a vista no mar e na costa. Um, irritado, como eu, o gosto de ver, affrontando com os seus rugidos a cólera do Averno, sacudindo o dorso espumante, que pésa sobre o planeta.

Outro, a praia é quieta, lisa, alva...

Aquillo, porém será a nevoa? Approximemo-nos. E' alva como ella, inocente como o respirar da creança que jaz adormecida, bela como a aurora.

E' uma virgem. Será do céo? Algum anjo perdido do paraíso que vague errante sobre a terra?

Seus olhos despedem chamas, Caminha de leve sobre a praia, deixando o seu alvo roupão roçar na areia já tantas vezes beijada pelo mar!

A louca vagueava beijar os seus pequeninos pés; e temendo tão grande profanção, recua, rugindo de arrependida!

Meu Deus, paira algum anjo sobre a terra errante? Com esse olhos negros que despedem chamas? Com esse andar tão magilento e triste?

Nada me responde; o azul do céo corava cada vez mais e a virgin que eu fitava, fitava também imóvel o oceano, que regorgitava a seus pés sem ver a vaga que engolava o seu roupão! sem ver a Aurora loura que despontava! sem n'uma palavra, soletrar no infinito a sublime poesia da natureza — Deus.

Decorreram-se momentos.

A nevoa continuava a cahir. Fitava as flores que Deus derramava sobre a terra dos rotos seios do espaço; e quando olhei o mar, não vi a virgem na praia, a mulher divinal, que não sorria, que talvez não habitasse, como eu habitava neste mundo de chimeras que talvez como eu, sentisse que a vida é um martyrio, que a campa é a unica realidade do mundo, desde que damos o primeiro sorriso no berço para a mulher martyr que o mundo denuncia mãe!

Quem sabe! Ha na vida tanta vã esperança, tanto sonho sem realidade tanta dor sem benéficio! ...

J. P. S. LEITE.

Avante!

HIMNO OFFERECIDO À SOCIEDADE UNIÃO AS LETRAS.

Mocidade, aurora é bella! Uma voz sublime entoa As canções do Creador! Guttemberg, caminhando, Vae ao mundo soletrando Os nomes todos do amor!

Avante, moços! avante! Os sons das letras mostrai! Da corte à selva obscura, Aos quatro ventos, cantai! 18 de Maio de 1882.

Era o mundo um caos de horror; Fez-se a luz, a luz precisa Para ver-se a criação! Mas depois um alfabeto Descobriu-se, que, completo, Vae mostrando outro clarão!

Cada letra é foco immenso. Que reflecte luces mil, Em pharões esplendorosos! —A razão, a liberdade, O amor, a eternidade São seus raios luminosos!

Mocidade, a luz é santa! Vede a imprensa que ilumina Todo o mundo a um sóclaro! Onde para Guttemberg Mais um velho augusto siergue, Soletrando, — ilustração!

—Avante, moços! avante! Os sons das letras mostrai! Da corte à selva obscura, Aos quatro ventos, cantai! 18 de Maio de 1882.

ANNUNCIO

ASSIGUATURAS

NA CAPITAL

Semestre	25100
Trimestre	13300
Mez	500
Folia avulsa	300

FORA DA CAPITAL

Semestre	38000
Trimestre	28000

PAGAMENTOS ADIANTADOS.

A redacção da *Luz Matinal* aceita todos os artigos literários que lhe sejam enviados pelos assinantes, e os publicará gratuitamente, desde que os julgue convenientes.

Não se publicam artigos de política.

Toda a correspondência deve ser dirigida à redacção, à rua de Japaratuba n.º 21.

Typ. da «Gazeta do Araçajú» Rua de Itaporanga numero 20.